

## **Dom Quixote, Frankenstein e o Jabuti: apontamentos sobre a editoração em tempos de Inteligência Artificial<sup>1</sup>**

Marília de Araujo Barcellos <sup>2</sup>

### **1. Introdução**

O presente texto propõe o debate sobre a produção editorial considerando práticas de criação inovadoras e, cada vez mais rápidas como a inteligência artificial, interferindo e somando-se na confecção de publicações, aqui especificamente consideradas como livros. O objeto de estudo consiste no 65º. Prêmio Jabuti e na desclassificação de uma obra no eixo Produção editorial na categoria Ilustração, ao ser anunciado que as ilustrações foram produzidas por ferramenta de inteligência artificial.

Historiadores como Roger Chartier (1994) define o livro como uma das mídias mais antigas uma vez que na história do livro, da escrita e da edição que perpassa informações civilizatórias e registra a evolução da humanidade. Mesmo que no século XXI autores como Ana Elisa Ribeiro (2018), Aníbal Bragança (2017) tensionem o conceito tênue diante das mudanças de formatos e modus de fabricação, as diversas linguagens moldam-se e emolduram-se em dispositivos distintos provocando conceitos, fazendo-os estremecer em incertezas de rótulos não mais plausíveis e no mínimo, inquietantes.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no eixo *Filosofia da Tecnologia, inteligência artificial, pós-humanismo, transhumanismo* do XVI Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade Federal de Santa Maria/RS, realizado nos dias 27 de novembro a 01 de dezembro de 2023.

<sup>2</sup> Profa. Associada do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Dra. em Letras Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro | PUC-Rio. Vice-coordenadora GP Produção Editorial Intercom. E-mail: [mariliabarcellos@gmail.com](mailto:mariliabarcellos@gmail.com)

O livro como artefato impresso convive com o ebook, audiolivro, games literários, desdobramentos que vão da escrita do texto a infinitas formas de publicações e de leituras. Ocorre que o produto pertence a um universo de fazeres e saberes reunidos em papéis, funções, tarefas que compõem as etapas do processo editorial. O que nos leva observar e perceber alterações nos processos de edição e a ruptura de hábitos e rotinas estabelecidas nas relações entre os atores e no próprio campo. A criação artística tem como pressuposto a mão e a mente humana. A arte tem suas regras e se estabelece com códigos próprios, no entanto, quando uma ferramenta surge possibilitando a escrita criativa e outras funções até então humanas, as normas mudam, o *modus operandi* é posto à prova, e os atores estranham diante do desconhecido. As regras até então seguidas não mais atendem à demanda e delimitações, regras devem ser repensadas e estabelecidas no jogo.

A inserção da IA aponta para uma época de incertezas no fazer do ofício de escritor, somado às questões éticas, profissionais, de função e do papel até então ocupados e definidos como direitos autorais. Segundo a definição no capítulo II da Lei de Direitos do Autor (9610/98), considera-se que o autor é a “pessoa física criadora de obra literária, artística ou científica” (ver art. 11, caput, LDA). A autoria, então, seria a titularidade da criação de uma obra. Além da autoria da escrita, do texto em si, outros elementos como a ilustração e as imagens têm seu papel de autoria no limite.

O caso é que a obra que relata a história do “monstro” Frankenstein foi inscrito e passou pelo júri até a etapa semi-final, quando a imprensa anuncia e provoca no público reações diversas. As perguntas geradas circundam questões como: Por que o livro não foi barrado nas etapas anteriores, uma vez que o ilustrador inseriu a informação desde o início?; ou ainda, como uma instância de legitimação e consagração como o Jabuti pode aceitar obras que não sejam totalmente criadas pelo homem? Outrossim, deve o Jabuti abrir uma categoria para inteligência artificial? Há demanda para tanto, o mercado está preparado para lidar com tais questões?

## 2. O Prêmio Jabuti e o monstro

Dia 09/11/2023 foi uma data importante para o cenário editorial brasileiro. Não somente pela divulgação dos 10 semifinalistas nas categorias do 65º. Prêmio Jabuti (a maior premiação brasileira para categorias de livros), como também pela polêmica provocada pelo anúncio do romance “Frankenstein”, de Mary Shelley, da editora Clube de Literatura Clássica, dentre as dez indicadas na categoria Ilustração, essas assinadas nos créditos da obra como realizadas por Vicente Pessôa, - reconhecido como profissional da área- e, *Midjourney*, desconhecida parceria, segundo os jurados.

A avaliação das obras perdura meses e passa por um longo processo. A premiação inicia com o recebimento das inscrições na Câmara Brasileira dos Livros (CBL), depois pela homologação dos livros é distribuída para três jurados especialistas na área e as obras mais bem pontuadas em cada categoria são indicadas como pré-finalistas, primeiro as dez, depois as cinco e por fim a vencedora. Sendo que há um Conselho interno da CBL que coordena a premiação e cabe aos jurados definir até 13 obras das recebidas para a indicação. Depois disso, o processo volta para a entidade organizadora e, segundo eles, há uma classificação que conta com processo interno, automatizado e sigiloso. A seu favor Pessôa argumenta que não havia nada no Edital que limitasse o uso de Inteligência artificial e que estava na flha de créditos a inserção do serviço de IA.

Assim que a CBL anunciou os semifinalistas, houve um movimento coletivo de autores e ilustradores do setor, eles se uniram para encaminhar uma carta-aberta, com a #Iãõéautor, contra a classificação da obra. No manifesto constam 2156 assinaturas distribuídas em 48 páginas do documento disponível no Google Drive, no qual encontram-se profissionais das mais variadas competências: autores, designers, quadrinistas, estudantes, professores, pesquisadores, tatuadores, escritores, ajudante produção audiovisual, consultores de moda, designer gráfica, advogada, estudante de biblioteconomia, jornalistas, revisores, artistas visuais, arquiteta, urbanista, cozinheira, tradutora, bartender, tradutora,

pedagoga, historiadora, fotógrafo, a lista é longa, não há identificação de documentos, nem de região, mas consiste em um apanhado de vários enquadramentos profissionais.

Diante do ocorrido, a CBL respondeu à imprensa com nota desclassificando a obra. Em sua defesa, os envolvidos asseguram que o livro fora amplamente divulgado pela imprensa, na ocasião de seu lançamento, como primeiro livro brasileiro com ilustrações totalmente em IA. A informação estava no âmbito público.

### **3. *Modus operandi* e as máquinas**

No audiolivro temos IA criando relatos, as vozes das máquinas cada vez mais aprimoram a fala humana, a partir de estudos reais. Quase não há distinção entre a contação de um e de outro narrador. Qual o peso e medida para avaliar se o texto escrito pelo algoritmo é melhor ou pior do que seria se criado pela mente humana? Nesse sentido, há quem defenda que a profissão de ator estaria ameaçada, uma vez que pode ser substituída pela máquina nessa função sonora. Há àqueles para quem a qualidade técnica da leitura perde qualidade. São peso e medidas da função da escrita e a substituição da criação por uma máquina. No entanto, em eventos como a Feira de Frankfurt quando reúnem-se profissionais de ordem internacional para definir os rumos do mercado editorial, o tema surge como dado, e a questão é mais como lidar com essa realidade, uma vez que ela existe.

A discussão é construída em bases do saber científico, tanto da personagem criada na narrativa de Mary Shelley, quanto na elaboração das imagens que ilustram a obra desclassificada por estar fora das normas, que na verdade, não prevêm tal situação. Paula Sibilla (2017) nos destaca sobre a tecnociência e a relação com a imortalidade, “essa barreira imposta pela temporalidade humana, que é finita por definição, o artesanato tecnocientífico é colocado a serviço da reconfiguração do que é vivo...” (2017, p. 51). Buscando a analogia, Vicente Pessôa elaborou o prompt para biscoitar as imagens almeçadas. No entanto, a finitude humana tem sua imortalidade e continuidade da obra em mãos outras que possam igualmente solicitar o serviço ao *Midjourney*. Complementar a isso, Lucia Santaella (2023), alerta para

possíveis rumos diante da IA como o Chat-GPT em que “os impactos que já estão se fazendo sentir: a) as consequências para a produção e a circulação do saber científico; b) os dilemas que o Chat traz para a educação; c) os gargalos que a criação literária lhe impõe”. Regras e normas são necessários em tempos de mudanças rápidas como as provocadas pelo uso dessas ferramentas. A legislação deve se preparar para amparar o entorno da situação que é ilimitada em seu contexto.

### Considerações

O tema é polêmico e bastante presente dentre editoras, autores independentes, livrarias, leitores, todo um ecossistema cultural, econômico e social. A IA inserida em setembro de 2022 alcançou reverberação galopante em 2023, a ponto de internacionalmente haver um movimento para desacelerar as pesquisas no setor. Quais os limites dos usos do IA? Consideramos que o artigo aborda tópicos atinentes ao sistema editorial e o universo de participantes que exercem funções no mercado editorial e que têm seu papel, não diríamos ameaçados no seu *savoir fair*, mas tendo que lidar com o desconhecido mundo tecnológico que diz respeito a mente e a criação além da possibilidade de mecanização da criação.

Longe de afirmar a substituição humana, a questão emerge como um desafio para se pensar procedimentos futuros no que tange a produção, circulação, difusão e consumo literário. Qual o limite entre a ingenuidade de querer lutar contra os moinhos de vento feito Dom Quixote ou diante da eminência do uso estabelecer normas, regras a fim de defender limites éticos e operacionais? O artigo intenta menos resolver a questão e mais provocar um espaço para desdobrá-las em prol da discussão e de novas articulações de pensamento.

### Referências

BRAGANÇA, Aníbal. “Entrevista Inovações do digital frente ao impresso”. In: (Org.) BARCELLOS, Marília de A. **Estudos editoriais**, vol. 1. Santa Maria: Editora Experimental pecom\_UFSM, 2017.

CARTA PRODUTORES CULTURAIS E PARES ILUSTRADORES E DESIGNERS

**#IANãoÉAutor**. Disponível:

[https://docs.google.com/document/d/1b0jciCZ3chz0LoOGa1VBAYP4tGEmfKZik8h70c0\\_KQ0/edit](https://docs.google.com/document/d/1b0jciCZ3chz0LoOGa1VBAYP4tGEmfKZik8h70c0_KQ0/edit)  
, acesso 12/11/2023.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. **65º. Prêmio Jabuti**, semifinalistas. Disponível:

<https://www.premiojabuti.com.br/semifinalistas/> . Acesso 12/11/2023.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora da UNB, 1994.

LEITE, Tatiany. **Inteligência artificial não é autor?**.

PUBLISHNEWS.<https://www.publishnews.com.br/materias/2023/11/13/inteligencia-artificial-nao-e-autor> . Acesso: 13/11/2023.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Livro**. Belo Horizonte, MG: Moinhos;Contafios, 2018.

SANTAELLA, Lúcia. “Balanço crítico preliminar do chatGPT. Dossiê - mudanças tecnológicas & culturais na era digital. **Revista FAMECOS**: Mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 30, p. 1-12, jan.-dez. 2023.

SIBILLA, Paula. **O homem pós-orgânico**: a alquimia dos corpos e das almas ´luz das tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.

**Palavras-chave**: Editoração; Ilustração; Profissionais do livro; Inteligência Artificial; 65º. Prêmio Jabuti.